



TRIBUNA Livre

24
Novembro
1956

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITORA: PAULO BARBOSA DE MACEDO DIRECTOR: ANTONIO JOSÉ DA COSTA REDACÇÃO: PAULO BARBOSA DE MACEDO
PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO Embaixada, Imprensa e Comércio — LARGO DE OLIVEIRA SALAZAR III 6210 — AMARES

ISTO VAI DE MAL A PIOR O TOPÓNIMO "BOURO"

Vamos apresentar, hoje, um caso que não tem paralelo no historial político-administrativo nacional, salvo se, a ter existido, a vergonha e o silêncio se apoderam dele.

Foi celebrado um contracto entre a nossa Câmara e a Companhia Electro Hidráulica de Portugal, segundo o qual, esta, era obrigada a construir um ramal eléctrico para servir as

freguesias de Dornelas, Goães, Santa Marta e Santa Maria de Bouro, mediante o pagamento de 22 contos, desde "que seja requisitado pela Câmara Municipal de Amares, no prazo de cinco anos".

Ora a actual Câmara, num desleixo que brada aos Céus e revolta a terra, deixou que o prazo passasse.

Hoje, a mesma obra,

custa 600.000\$00!

A Companhia ganhou todo este dinheiro devido à negligência, à apatia, à inércia, e, até... sabemos lá o que mais dizer. O concelho perdeu 600 contos que não mais poderá haver.

Entrementes anda a dizer-se que aquelas freguesias, que representam um terço de todo o concelho, vão ser electrificadas mediante participação do Estado, cobrindo o Município o seu dispêndio com um empréstimo.

Quando?

Por que se não usou de

(Continua na 4.ª página)

Tenho acompanhado, com interesse, os artigos publicados na "Tribuna Livre", da autoria do Sr. Domingos M. da Silva — "Monografia do Concelho de Amares".

Afigura-se-me trabalho de valia, e é sempre louvável carrear materiais para o enriquecimento da História das localidades.

Vê-se que o estudioso investigador calca o terreno

Artigo de Manuel de Boaventura

com certa segurança, e procura esclarecer pontos obscuros, acerca do passado da sua linda terra, onde os viridentes laranjais, põem uma nota de frescura e de típica beleza, na paisagem cerquejante.

Só conheço o seu ensaio, a partir de N.º 43 do semanário; mas o que já li, é muito

(Continua na 5.ª página)

O paralítico concelho de Amares

Amares quer encontrar o seu caminho!

Não sabemos que espécie de enfermidade entrou neste Concelho que, por mais médicos... que o tratem, não resolvem seus

males. Certamente teremos de o levar ao especialista para lhe desentorpecer os movimentos, tão tacanhas se vêem as suas andanças.

E se isto não significa doença, temos de concluir que em Amares há migua de pedir, ou então tudo aqui se encontra devidamente ordenado, concelho modelo, autêntico lugar à parte do mundo das necessidades.

Mas outra ilação se pode tirar ainda, e, de todas, esta será sem dúvida a mais acertada: em Amares não se sabe pedir, ou não se quer pedir, o que é mais grave.

É deveras consolador espalhar a vista por esse Portugal além e ver o seu solo bendito semeado de benefícios. Que milagre se dá nos outros lados, ou que excomunhão caiu sobre nós?!

Desconhece-se aqui, aquele conceito sagrado que felizmente se encontra em vigor no nosso País: "pedi e recebereis".

Esta é a pedra fundamental da questão, a tecla que há-de ser tocada constantemente para obter. Todas as oportunida-

(Continua na 6.ª página)

(Continua na 4.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO

DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

...

Ser insento da hoste e da fossado era o mesmo que ser insento do serviço militar.

A história accidentada da posse do Couto de Santa Maria de Bour, em mãos do respectivo dom abade e seus religiosos, é a lição mais eloquente acerca das desinteligências e reivindicações destes primeiros tempos da monarquia:

Foi-lhes doado na pessoa do abade D. Nuno, em 1148 e, porque se queimou o cartório do convento, voltou o primeiro rei a reformá-lo em seu sucessor, o abade D. Paio, em 1162, o mesmo confirmando seu neto D. Afonso II; mas seu filho, o rei D. Sancho II logo quis tirar-lho, induzido por D. Mécia Lopes de Haro, que uns dizem mulher e rainha, outros não.

Logo acudiu o abade dom João com mil maravedis de ouro, importância por que o mesmo rei lhe fez título de venda, em Braga, a 3 de Junho de 1256, comprando o que já lhes pertencia por doação e confirmação.

D. Afonso III, seu irmão, não dando por bom, este contracto, mandou derrubar os padrões do Couto, motivo por que andou o convento em demanda até 1279, que o receio da morte, com o peso das censuras e excomunhões levaram-no a corrigir e compensar certos actos que reconsiderou de violência do poder real e ainda lhe deixou em testamento de antemão preparado, em 1271, segundo a Monarquia Lusitana, cem libras.

D. Dinis, seu filho, estando em Lisboa, a 19 de Março do mesmo ano, ordenou que se levantassem os padrões e os frades entrassem na posse do seu couto.

Recebia aliás o rei ou o senhor da terra, por intermédio de seus mordomos, encarregados de zelar e superintender em cada freguesia nos respectivos interesses, uma grande diversidade de foros e dadas, donde naturalmente pode inferir-se o notável atraso da exploração agrícola e correspondente nível de vida desse tempo.

O Senhor da terra tinha direito de pousada, geralmente em casa de algum dos respectivos mordomos.

A foragem dos secos, isto é, dos cereais, compreendia-se na eiradega e constituíam-na essencialmente o trigo

(Continua na 6.ª página)

TÍNHAMOS RAZÃO

Não medrou a ingratidão no seio do F. C. do Porto

Na última semana de Fevereiro findo, reuniu a Assembleia Geral do F. C. do Porto, para eleger o respectivo Conselho Geral, tendo a direcção apresentado uma lista.

Chamou-nos a atenção o facto de nessa lista senão incluírem os nomes dos Drs. Urgel Horta, Moreira de Sousa, Paulo Pombo, etc, que são as figuras centrais do ressurgimento do grande clube nortenho, e logo viemos às colunas deste semanário combater a ingra-

tidão que dessa maneira se cometia.

A dita Assembleia Geral não chegou a eleger o Conselho Geral precisamente porque surgiu uma lista de opposição. E daí em diante, a mesma direcção, sentindo que o seu designio dificilmente seria compartilhado pela maioria, foi protelando a eleição, até a marcar, como é do conhecimento de todos, para o sábado passado.

Deu-se então aquilo que

(Continua na 6.ª página)

MIUDEZAS...

Alhos por bugalhos

Foi pedida à Câmara Municipal deste concelho, uma certidão da deliberação camarária que recaiu sobre a exposição que em 15 de Dezembro de 1952 o requerente fez à dita Câmara.

A requerida certidão foi passada nos seguintes termos.

«Certifico, em cumprimento do despacho exarado no requerimento... em que solicitava certidão de uma deliberação tomada numa reunião camarária realizada em 15 de Dezembro de 1952, que revendo o livro de actas deste ano verifiquei que no referido dia não foi celebrada qualquer reunião da Câmara Municipal de Amares, pelo que não é possível passar a certidão mencionada no despacho acima mencionado». Querem melhor?!

De Vila Verde

Reunião extraordinária da Direcção da Banda Marcial de Vila Verde

Reuniu no passado dia 19 do corrente, a actual Direcção da Banda Marcial de Vila Verde, para tratar de assuntos que interessam à realização do projecto da sua nova Sede, tendo sido nomeadas as Comissões de freguesia deste concelho, as quais começarão imediatamente a adquirir materiais e fundos para esta grande realização.

Espera a direcção que, atendendo à categoria e bairrismo das pessoas que compõe as Comissões desta iniciativa, se chegará com fi-

nalidade brilhante à realização deste anseio.

Por proposta do Presidente da Direcção Ex. mo Sr. Dr. António Ribeiro Guimarães, foi aprovado por unanimidade um voto de louvor e agradecimento à Direcção do Jornal "Tribuna Livre" que tão amistosamente tem publicado o nosso incitamento às realizações e aspirações de Vila Verde.

Nos próximos números conti-

Continua na 4.ª página

TRIBUNA DA MULHER E DO LAR

A NOSSA CASA

A disposição dos móveis

Os móveis são criados para servir o nosso conforto o que não impede que constituam elementos de decoração.

O seu lugar e o seu volume podem desempenhar um grande papel sob o segundo ponto de vista.

Não se deve colocar sistematicamente os móveis ao

A irmã mais velha

Deve ser o anjo do lar, a auxiliadora de sua mãe e protectora dos mais novos.

Para isso, é preciso que a irmã mais velha saiba cumprir a sua missão e inspire confiança pela rectidão e firmeza de carácter. Os mais novos reconhecerão nela qualidades que despertam admiração. Confidente amiga, ela poderá desviá-los do mal, dirigi-los para o bem, aliviando assim a tarefa dos pais. As suas opiniões e conselhos serão facilmente aceites, se forem dados com simplicidade e em tom amigável.

Essa irmã ideal recebe as confidências e não as revela a não ser que não possa arcar com a responsabilidade e entenda que só os pais podem decidir o caso e desviar os filhos do caminho errado ou de algum projecto insensato.

Compete à irmã mais velha calar e encobrir travessuras dos irmãos, mas nunca deve ser encobridora de factos que impliquem responsabilidade superior à sua idade e ao seu papel.

Dessa cumplicidade podem advir grandes males para a família.

Esse silêncio, longe de ser uma protecção, será prejudicial e os pais nunca poderão perdô-lo.

Por outro lado, a jovem nessas circunstâncias deve procurar sempre fazer a paz e nunca alimentar dissensões familiares, sendo a medianeira do abraço da reconciliação e a intercessora do culpado junto da autoridade paterna. Se um dos irmãos procedeu mal, a irmã mais velha não deve descansar enquanto ele não solicitar o perdão pela falta cometida.

Toda a rapariga se prepara para ser mãe e a melhor escola será o treino de irmã mais velha, como anjo bom de seus pais e segunda mãe dos irmãos mais novos.

longo das paredes, nem é forçoso que seja ao mesmo nível pois não há razão para que a sua disposição não seja assimétrica e desencontrada, sem aquele ar de alinhamento forçado que nem sempre é artístico.

Dois móveis de grandes proporções não devem ficar próximos um do outro—uma cómoda, junto de uma chaminé ou de uma mesa ou um armário junto de uma janela. A mesa da sala de jantar não deve, obrigatoriamente, ocupar o meio especialmente se a divisão é de pequenas dimensões o que a fará parecer mais pequena ainda.

A mesa rectangular é muito menos íntima que a mesa oval ou redonda, além de que ocupa mais espaço.

A escolha dos «bibelots», ou sejam objectos de adorno, deve ser seleccionada: poucos, mas bons. O excesso de coisas numa sala dificulta a limpeza e arranjo, e quase sempre as coisas mais valiosas ficam diminuídas com a confusão de outras que se dispensariam.

Para formar recantos agradáveis não há como a mesa pequena, baixa, e uma ou duas poltronas. O candeeiro será colocado sobre uma coluna ou sobre a próxima mesa.

São os pequenos nada que o bom gosto inventa que tornam o lar confortável e apetível.

Puericultura

Sabem que a água do grão de aveia activa a lactação.

Se alimentam o vosso bebé ao seio e a altura de secar o leite chegou, peçam ao médico o método de proceder a essa mesma seca racionalmente para evitar o engorgimento das glândulas, abscessos, etc. Alguns acidentes graves podem ter origem na má higiene no momento da secagem.

Martinez Vargas, o ilustre médico catalão, publicava umas pagelas para dar às mães estes conselhos que são um verdadeiro índice sanitário para a infância:

- Não deveis por chupetas na boca das crianças, porque:
- Não tem utilidade nenhuma.
- São prejudiciais.
- Fatigam os lábios.
- Irritam a boca.

CONSELHOS PARA MANTER UMA SILHUETA ELEGANTE

Certamente, durante este ano, a leitora não arranjou tempo nem... coragem para fazer todas as manhãs um pouco de cultura física, uns 5 a 10 minutos de boa ginástica. Veja se arranja maneira de consagrar à sua silhueta, uns minutos todas as manhãs. É necessário que os exercícios sejam executados corretamente, com a respiração lenta e adequada, sem pressas nem roupas complicadas que dificultam os movimentos.

Experimente, portanto, fazer diariamente exercícios e verá como a cinta se torna mais fina e o tecido adiposo do ventre diminui. A ginástica dá uma «souplesse» especial e a pessoa sente-se mais leve, mais apta para o trabalho que a espera durante o resto do dia. No entanto, de nada vale se não for praticada com assiduidade e sem pressas. Ginástica perfeita, respiração perfeita. Começar por 5 minutos e aumentar o que puder. Juntamente, vigiai a vossa alimentação. Não são necessários jejuns exagerados. A questão está na escolha dos alimentos e não na quantidade. Sobretudo, depois dos 30 anos, fugi das gulodices. É vantajoso, uma vez por semana, destinar uma alimentação vegetariana para desinto-

xicação do organismo. Já notou o aparecimento dos anti-páticos «papihos»? Pois bem, ginástica, exercícios físicos e regime alimentar desintoxicante e, ao fim de 15 dias, terá outra vez a sua elegante silhueta. Se a leitora é das tais pessoas a quem se pode impor uma disciplina, há um exercício maravilhoso e agradável—a dança. A coordenação dos movimentos, ao som da música preferida, confere ao corpo uma agilidade extraordinária. Dançar sózinha é um ótimo exercício para quem não pode seguir um curso de dança rítmica.

Outro exercício magnífico é saltar à corda, com o ventre bem metido para dentro; saltar num pé e no outro e ainda estendendo as pernas para a frente e para trás. Fazer estes exercícios com a janela aberta, respirando lentamente o ar puro. —Um pouco de coragem, um pouco de entusiasmo. O movimento é-vos altamente benéfico—para remar, com os quais se obtêm resultados completos. Nada de violências; respirar bem; o ventre metido para dentro, calma e perfeição de movimentos. O andar nos bicos dos pés dá também elegância e afina a silhueta. Coragem leitora. Não saia do seu quarto sem fazer uns minutos de cul-

CULINÁRIA

Delícias de bacalhau

Põe-se de molho bacalhau, muito alto e que não alasque. Depois de estar dois dias de molho, dá-se-lhe uma fervura deitando na água vinho branco, o bastante para que o bacalhau tome gosto do vinho. Depois lasca-se o bacalhau, temperam-se estas lascas com bastante pimenta, alho, louro e um pouco de colorau. Deixa-se assim estar o bacalhau umas horas. No fim desse tempo, faz-se, à parte, um polmo com bastantes ovos e leite, farinha, um pouco de margarina—da melhor—pimenta, noz moscada e queijo ralado. Passam-se as lascas do bacalhau por este polmo e fritam-se em bastante azeite. Depois de fritas servem-se com «mayonnaise» e arroz branco.

- Deformam a dentadura.
- Predispõem a indigestões.
- Espõem a graves enfermidades.
- Impedem o sorriso, o maior encanto da criança.

Rolinhos de pescada com ervilhas

Partem-se filetes de pescada iguais em tamanho. No centro de cada um põe-se uma tirinha de presunto cozido. Enrolam-se e atam-se com um fio.

Põe-se ao lume um tacho em que os rolinhos caibam sem estarem sobrepostos. Refogam-se em azeite fino, com uma colher de manteiga uma cebola picada. Deixa-se alourar bem a cebola (mas é necessário ter cuidado em que se não queime) e deita-se-lhe então, umas colherinhas de caldo, ou mesmo de água a ferver, e depois, dentro, os rolinhos de peixe. Tapa-se o tacho e deixa-se cozinhar a fogo lento. A meio da cozedura, deitam-se-lhe as ervilhas. Em as ervilhas estando cozidas, está pronto. Tiram-se os fios com muito cuidado para que os rolinhos se não desmanchem, e põe-se num prato coberto, as ervilhas primeiro e os rolinhos por cima.

Quadra

Na cela do teu amor menina, toma sentido! foi na cela que o Senhor por um traidor foi vendido.

Lilinha Fernandes (bras.)

Humorismos no Lar

Meu amor, em vez do coiar de pérolas preferiria um automóvel...

—Ah sim... e onde queres que eu vá arranjar um automóvel falso?

A mulher—Querido! Amanhã é o décimo aniversário do nosso casamento, matamos o peru?

O marido—Não deixa-o, viver. Que culpa tem ele das minhas asneiras?

A mãe: Não, Manelito, não te dou o martelo para brincar, porque hates nos teus dentes.

Manelito: Não bato nos meus, mãezinha, porque a Zézé é que vai segurar os pregos.

O médico no Lar

Contra a queda do cabelo, aconselhamos com bom resultado, a seguinte loção; mistura-se trinta gramas de tintura de quina; quinze gramas de acetato de amoníaco e cento e vinte gramas de rum. Utiliza-se antes do penteado como se fosse uma loção.

As folhas de salsa não servem apenas para tempero e ornamento de iguarias e pratos... Bem lavadas e finalmente picadas, podem aplicar-se sobre uma ferida onde não haja lesões de grandes vasos e que esteja a sangrar. Com a aplicação da salsa, a hemorragia parará quase instantaneamente.

Para atenuar a dor de dentes, é de ótimo resultado bochechar com um cozimento de malmequeres.

A fadiga ocasionada por uma gripe, resulta do mau funcionamento das glândulas renais e não do vírus dessa doença. A aplicação de seis injeções em seis dias de cortico-renal é o suficiente para fazer desaparecer essa fadiga.

TRIBUNA LIVRE é distribuída em Braga, no Quiosque Central, Largo do Barão de São Martinho

TRIBUNA do CONCELHO

BOURO

Apoteótica manifestação do brioso povo de Bouro, a Sua Ex.cia o Chefe do Estado

Cerca do meio dia, alguém ventitou que por volta das 14 horas, passaria no Largo do Ferreiro, com destino às barragens do Cávado, Sua Ex.cia o Chefe do Estado, Senhor General Craveiro Lopes.

Bouro, como não podia deixar de ser, pôs-se em alvoroço e o nosso brioso povo acorria ao Ferreiro, para ver e fazer a sua manifestação de bons nacionalistas e qualidade de povo digno, à Entidade que dentro de momentos nos honraria com a sua passagem. Pôs-se em funcionamento a Aparelha Sonora, através da qual se anunciou por longe, a passagem de Sua Ex.cia.

O povo abandonou os seus trabalhos e vai-se aglomerando a manifestação. A Bandeira Nacional, é colocada no meio da Estrada que atravessa o nosso Largo.

Chegam as crianças da Escola, uma das quais empunhava a Bandeira daquele Edifício.

O número de pessoas ia-se tornando cada vez maior. As raparigas procuravam juntar o maior numero de flores possível, para lançar a sua Ex.cia.

Alguém, alheio ao que ia acontecer, perguntava com admiração: Para que é isto? Uma resposta unânime se deparava: É Sua Ex.cia o Chefe do Estado que vai passar aqui?

Eram cerca de 16 horas. Tudo estava preparado para manifestar

o seu carinho, àquele a quem Deus colocou à frente dos destinos da nossa querida Pátria.

Avista-se ao longe a Caravana da Presidência. O povo não cabe em si de contente, com a aproximação de Sua Ex.cia.

A estrada é invadida e a Caravana pára junto da multidão. Soam vivas a Sua Ex.cia o Chefe do Estado, a Sua Ex.cia o Senhor Presidente dos Ministros e ao nosso querido Portugal. Flores caem sobre o carro e Sua Ex.cia o Senhor Chefe do Estado, acompanhado de Sua Ex.ma Esposa, detem-se agradecendo respeitosamente o manifesto carinho e o bom acolhimento, que a multidão lhe dispensou.

Entretanto, através do microfone, um grupo de rapazes e raparigas cantam o *Hino Nacional*, para a despedida de Sua Ex.cia, que terminou com uma salva de palmas.

Assim, o povo desta laboriosa freguesia, mostrou mais uma vez o seu patriotismo e o seu amor pelos dignos Chefes desta querida Nação, que, oxalá, Deus conserve por longos anos.

Estamos certos que a manifestação iria muito mais além, se a notícia fosse transmitida com a devida antecedência, o que lamentamos não ter acontecido.

Antonio Fernandes

Da Venezuela

Horrorosa catástrofe

No dia 13 do corrente, pelas 3h15 da tarde, na Avenida das Forças Armadas, que atravessa o centro da cidade de Caracas, de Norte a Sul, entre Alcavada e Puente Hierro, nas grandes obras onde trabalham 1.200 homens, registou-se o maior desastre de todos os tempos na construção civil, na Venezuela, onde perderam a vida muitos trabalhadores, de todas as nacionalidades, mas em maior número portugueses e venezuelanos. O número de mortos portugueses foi de 8 e 37 feridos, e 11 estão em estado grave. Do concelho de Amares, trabalhavam 7, mas na placa que desabou só três que são Manuel da Silva Xavier, de Goães, Agostinho Cezar Fernandes, de Goães, e José Maria da Cunha, de Bouro, assinante deste jornal o ultimo ficou ferido, mas o seu estado não é de gravidade. Felizmente do Distrito de Braga não houve mortos, só feridos. A placa media 70 metros de comprimento por 30 de largura e tinha o peso de 1.300 toneladas de concreto; foi horrorosa a tragédia pois os homens que estavam vivos debaixo da placa, pediam socorro e eram tantos os gritos que comoviam toda a gente comparecendo logo no local dezenas de ambulâncias de Hospitais, Cruz vermelha, Seguros Sociais, etc: médicos e enfermeiros, para prestar ali logo os primeiros socorros aos feridos. Compateceram também grande número de Pádras, Polícia Militar, Guarda Nacional, Exército e Corporações dos Bombeiros que trabalham denudadamente para tirar os mortos, e feridos debaixo da placa o que só conseguiram á 11 da noite.—José Caldas

Vida elegante

Aniversários

No pasado dia 22—o Snr. Lúcio Dias.

Quarta-feira—O Senhor Antonio Batista Macedo Fernandes.

Sábado—A senhora D. Maria do Céu Gomes.

Caldelas

Falecimento

António Machado

Caldelas. — Na sua residência, «Grande Pensão Continental Machado», faleceu esta madrugada, vitimado por uma síncope cardíaca, o importante industrial desta terra Senhor Manuel Machado, viúvo, pai dos senhores: professor Paulo Machado, Ernesto Machado, Orlando Machado, e D.a Ernestina Machado Ferreira.

A sua morte, inesperada, foi muito sentida, nesta localidade onde o falecido gozava de grande simpatia.

O seu funeral, realizou-se ontem.

A família, enlutada, apressamos sentidos pesamos.

C.

Besteiros

Está a de correr, na presente semana, uma série de conferências, palestras e Sermões na Igreja Paroquial de Besteiros, feitas pelo erudito, competente apóstolo e popular, orador sagrado, Snr P.e Sebastião Campos, que ali goza de geral simpatia, como preparação para a festa do Sagrado Coração de Jesus e Senhor do Areal, a qual é mandada fazer a expensas do Ilustre Comendador Senhor Antunes, que que nutre pela freguesia de Besteiros, grande estima e consideração. As práticas tem sido muito concorridas e são abrihantadas e rádio-difundidas pelas aparelhagens sonoras da Feira Nova, que satisfazem plenamente. No próximo Domingo, juntamente com os actos religiosos dentro da Igreja, vai realizar-se uma imponente e magestosa procissão com câro de Virgens, música, fogueiras, figurados, etc. Como remate tenciona-se promover uma significativa homenagem ao Senhor P.e João Joaquim de Sousa, que oferece uma linda e grandiosa imagem de Santa Filomena para a sua ex-igreja Paroquial de Besteiros, a qual dá entrada hoje nesta igreja juntamente com uma apoteótica procissão de velas que sairá da Magestosa igreja de Ferreiros, pela Feira Nova, em direcção-estrada-fora-até Besteiros, cujo Povo é todo imensamente devoto desta Gloriosa Santa Virgem e Mártir.

Todos a Besteiros!

S. Pedro Rates

Esta confraria clerical, erecta nesta Igreja Paroquial de Besteiros, está a ser muito venerada e estimada por todo o povo de Besteiros. Vão entrar novos irmãos e o seu culto vai atingir novo esplendor. Trabalhem todos pelo seu engrandecimento.

Aniversário natalicio

Foi aqui muito felicitado o senhor António Dias Paredes por ter celebrado festivamente o seu aniversário natalicio na passada 3.a feira Parabéns

NECROLOGIA

NA FREGUESIA DE CAIRES —O Snr. Carlos Alberto Ferreira, com 56 anos de idade, no passado dia 13 dia do corrente;

NA FREGUESIA DE CARRAZEDO—O Snr. Albino de Macedo, com 68 anos de idade no passa dia 15 do corrente;

NA FREGUESIA DE BARREIROS—A Snr.a Rosa Maria de Lima, com 73 anos de idade, no passado dia 16 do corrente;

NA FREGUESIA DE SÊQUEIROS—A Snr.a Margarida Soares, com 75 anos de idade no passado dia 14 do corrente;

NA FREGUESIA DE BESTEIROS—Snr.a Maria Delfina da Silva, com 60 anos de idade, no passado dia 17 do corrente;

NA FREGUESIA DE SERAMIL—A Snr.a Maria de Jesus Gonçalves, com 78 anos de idade, no passado dia 19 do corrente;

NA FREGUESIA DE PROZELO—O Snr. Manuel Martins Arantes, com 78 anos de idade, no passado dia 22 do corrente.

Novos assinantes

Foi-nos indicado para assinante por um seu ilustre conterrâneo, que deseja ficar no anonimato, o Snr. José Fernandes, residente na Pensão Lusitano, largo Bordalo, Pinheiro, Lisboa.

De novo, escreve-nos o nosso ilustre assinante Snr. Laurentino de Carvalho, em Lisboa, a indicarnos o Snr. António Joaquim Dias, também residente em Lisboa, para novo assinante.

Já é longa a sua lista de novos assinantes e, mais uma vez, confirma que as suas palavras, que sempre nos tem dirigido, não são vãs, mas sim uma realidade.

Imensamente gratos por tudo.

Pelo nosso conterrâneo e assinante Snr Alexandre Andrade, de Caldela, foram-nos indicados para novos assinantes os Snrs. Manuel de Jesus Afonso e Ilídio Fernandes ambos do lugar da Vila, da mesma freguesia.

Agradecidos pela sua indicação

Junto de nos estiveram os Snrs. Alvaro Gomes, desta Vila, e Júlio Pereira, de Goães, a indicarnos, para novos assinantes, respectivamente, o Snr. Alvaro de Araújo Brandão, actualmente estabelecido com uma barbearia na capital; e o seu filho Carlos Augusto Gonçalves Pereira, actualmente no Corpo de Marinheiros da Armada, e n Alfeite Registamo-los com todo o agrado e já lhe enviamos o numero anterior do nosso jornal.

Também tivemos a honra de inscrever como novo assinante o Snr. Alfredo Martins Pereira, Guard Fiscal em Portela do Homem, que nos foi indicado pelo snr. Manuel Joaquim Dias de Bouro.

Muito reconhecidos pela sua gentileza.

Caires

Falecimento

Faleceu no passado dia 17 e sepultou-se no dia 18 do corrente no Cemitério local desta freguesia a senhora Maria Delfina da Silva «a pintora» de 60 anos de idade.

Paz à sua alma. A família enlutada as nossas sentidas condolências.

Faleceu na passada 3.a feira dia 13, no lugar do Freixeiro, o Senhor Carlos Ferreira, homem bastante novo, muito estimado e considerado, pelo que a sua morte foi muito sentida e chorada por todos, e o seu funeral no dia seguinte, foi muito concorrido. Paz à sua bela alma.

Magusto

Fez-se na tarde do passado Domingo, um grandioso Magusto para as Crianças da Freguesia; que eram cerca de 300. Correu com ordem, e grande entusiasmo e animação. Entuaram-se meirosos cânticos, vivas e saudações, canções populares, etc. Não faltou o vinho, castanhas, figos amendoas, etc. Parabéns aos zeladores, trabalhadores e bemfeitores

A nova Mesa do Conselho Geral do Grémio da Lavoura

Na passada quinta-feira foi eleita a nova mesa do Conselho Geral do Grémio da Lavoura que ficou assim constituída: Presidente—Dr. Tomás

Gonçalves de Andrade: Vice-Presidente — António Manuel Gonçalves de Almeida;

Vogais—Camilo Pereira e Joaquim Ferreira. Por manifesta falta de espaço, não nos referimos, hoje commaior desenvoltura, à dita eleição; contudo, num dos próximos números, falaremos gostosamente.

Satisfaz-nos saber que o novo Presidente é um amigo deste jornal, e ele como os demais, estão resolvidos a trabalhar pelo engrandecimento da quele organismo.

De viagem

Da sua casa do Batrio, desta freguesia de Ferreiros, Vila de Amares, partiu no dia 14 do corrente, a Ex.ma S.ra D. Maria Rodrigues, senhora que pela afabilidade do seu trato, deixou a mais viva saudade de todos aqueles que tiveram a honra do seu convívio.

«Tribuna Livre», sempre atenta a todas as manifestações que possam de algum modo, reflectir-se na vida do concelho, não ignora a maior parte dos seus actos de generosidade, nem tampouco a louvável intenção de aplicar os seus rendimentos em diversas obras que muito beneficiaram os artistas e trabalhadores rurais.

Por tal motivo, fazemos votos por que o bom Deus a acompanhe nesta longa viagem e a inspire a dentro em breve, regressar a esta terra, onde a sua presença que até então não passou despercebida, passa agora a ser ardentemente desejada.

HUMORISMO

Exame de História Natural

Professor:

—Vamos, Zéquinha, a que família pertence a baleia? Vá, então não responde?

—Não sabe?

—Sei mas... não queria dizer?

—Não quer dizer? Mas devia dizer, pois estamos em exame.

—Pertence à família da senhora professora.

—Ah, seu atrevido! É assim que se falta ao respeito para com a sua examinadora?

—Não, senhora professora, longe de mim que eu tal faça! É que dizem por aí que a senhora é uma baleia.

Reclamações do freguês

No restaurante o freguês queixa-se ao «garçon»:

—Você traz-me apenas uma fatia de presunto, e é costume trazer duas!

—Ah, tem razão! Mas queira desculpar porque o empregado espueceu-se de parti-la ao meio.

É uma maravilha

Olhe cavalheiro, aquela mulher ali defronte! É uma maravilha!

Parece pintada...

—Cuidado, amigo! Olhe que é minha mulher!

—Espere que eu ainda não acabei de falar.

Ela parece pintada pelo grande Rafael.

Visado pela censura

O Paralítico Concelho de Amares

(Continuação da 1.ª página)

des não são demais para pedir e muitos pedem sempre, oportuna e inoportunamente, para que as próprias ocasiões surjam ou se crie ambiente para elas.

Quando se não quer ter sequer a maçada de pedir, como sabemos sucede em Amares e ainda se entravam os movimentos à iniciativa particular e bairrista, cai-se no marasmo, na mais criminosa indolência. Um caso apenas vamos apontar, que define o que afirmamos. Na altura da grande reparação da Estrada Nacional, um grupo de bairristas, vincadamente amarenses, fez esforços admiráveis para que, entre o limiar da Vila e o lugar do Bário (Pinheiro Manso-Quatro Caminhos), se rasgasse uma avenida com ardinamento ao meio. Feitas particularmente louváveis diligências na Junta Autónoma das Estradas, concluiu-se que esse importantíssimo melhoramento custaria apenas ao Município vinte mil escudos, mas nada foi feito e perdeu-se a oportunidade.

Isto vai de mal a pior

(Continuação do 1.ª página)

franqueza, da honestidade, da probidade próprias dos actos de boa fé e se disse ao concelho a razão por que se não obrigou a Companhia?

Por que se não diz, também, aos povos das freguesias de Goães, Santa Marta e Santa Maria de Bouro, que estão enganados e que a electrificação das suas freguesias não está no andamento que eles supõem?

Como o nosso concelho tem sido prejudicado! Como expia penas que não merece! Como ele é infeliz!

Como os homens são pequenos ainda que, aos olhos, o não pareçam!

CONDIÇÕES de Assinatura

(pagamento adiantado)

Continente e Ilhas

Semestre . . . 25\$00
Ano 50\$00

Ultramar e Brasil

(Por avião)

Semestre . . . 92\$00
Ano 182\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 40\$00
Ano 80\$00

Estrangeiro

(Por avião)

Semestre . . . 115\$00
Ano 230\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 60\$00
Ano 120\$00

de de fazer por uma décima parte esta obra bem útil ao concelho, que muito viria estimular a iniciativa particular da construção.

A Câmara, segundo constou depois, levada por "lapida frase" de uma pessoa grata, de que "avenidas eram apenas úteis para malandros passear", não autorizou o modesto dispêndio e a avenida não se fez.

Neste estado de coisas, temos todos de nos conformar apenas belezas naturais deste maravilhoso rincão do Minho, o que já não é pouco; e esquecer muito filosoficamente tudo o que está a perder-se no Concelho, acompanhando o pensamento do poeta, e cantando para esquecer mágoas:

Amares veste laranjais floridos,
Fartos vestidos com dourado véu,
E solta as tranças de verdura infinda
Na espádua linda, ás virações do céu.

No entanto muitos dirão, com verdade, que não se vive só de filosofias e quem está muito filosoficamente instalado em lugares de comando, deve cumprir honradamente o seu mandato, trabalhando e trabalhando muito, pedindo e pedindo sempre, para saíam desta degradante situação, desta asfiziante paralisia que se não pode suportar por mais tempo. Venham os remédios adequados sejam quais foram os amargores da cura, mas que não tardem, porque Amares quer viver: Amares quer encontrar o seu caminho!

Eme

Postais de Paradelo do Rio

(Continuação da 6.ª página)

ram chamar. Mal de nós se vamos a demonstrar surpresa, já que os arrepios não faltam!... Só é pena que Novembro não seja Julho e vice-versa.

Aqui, como em todo o país, também se vive o drama cruciante da Húngria mártir. O pessoal da HICA, sobejamente conhecido pelo seu dinamismo e requintes de solariedade humana, apressou-se a registar inúmeros dados de sangue e cotizou-se com 11.550\$00 para auxiliar as vítimas húngaras. A Empresa, num gesto que lhe é peculiar, acompanhou o seu pessoal com igual quantia.

As crianças de Paradelo do Rio, sem distinção de classes, num gesto nobre, de verdadeira camaradagem, fizeram um Magusto em dia de S. Martinho.

Foi uma linda confraternização com jogos, cantares e danças populares, música irradiada, as tradicionais castanhas e «pingato». Assistiram à encantadora festa, apesar do frio enregelador, muitas centenas de pessoas. Em devida altura o Pároco, Rev. Domingos Leal do Paço, fez uma alocução, na qual recordou o drama húngaro e fez com que aquela mole

Página de um livro de memórias

(Continuação da 5.ª página)

São verdegais uns, azulinos outros, os olhos piedosos das virgens dos altares. E são tão lindas as santas! Como são cariciosos seus olhos ternos e compadecidos!

Querido Minho distante—pródigo dissipador de Belezas! Que alegria na paisagem, que riqueza de colorido, que variedade de combinações a séptula paleta solar dilui, no encantamento envolvente! Até o cinzento, que, aqui, é obsidiante e neurasteniza, concorre, lá, para avivar o volume das colorações, e esmalta e dá relevo à fimbria dourada das nuvens—nos crespúsculos vespertinos, ou nos dilúculos alvorecentes das madrugadas...

Cinzento? Não será antes, prata foscada, ou nobre platina?

Tudo tão verde, tudo tão azul!

Até o vinho especioso, aro-

mático, aperitivo, que ostenta espartilhado brasão, como emblema de nobreza, vinho roupador do colorido litúrgico da ametista, licor saboroso que alegria os corações, e põe sonhos cor-de-rosa a cirandar nos cérebros—até esse vinho, único no mundo, vivo, capcioso e saltarino—sendo rubro... é verde!

País estupendo de originalidade, de intrínsecas contradições, que obriga o rubro mais denso, a ser o verde mais belo!...

Lindo Minho verdejinho, polimórfico! Pletórica caixa de tintas, a derramar-se sobre agras de milho e beiredos de vidonho; a aguarrelar montes floridos, apoiados de ouro; azulinas águas vivas, desde a orla nevada de espuma, às profundezas do abismo; terra da promessa, paraíso de cores e de sons—o Minho é a Sinfónica Azul-e-Verde, é a Sonata alegre e estrepitosa, a deflagrar em estridências wagnerianas de la-maior...

Manuel de Boaventura

Tribuna Vila de Verde

(Continuação da 1.ª página)

nuaremos a publicar os nomes dos restantes nossos amigos que compõem a lista da Comissão Central e de freguesias, a quem desde já pedimos o seu acolhimento, com aquele bairrismo e amor que lhes é peculiar, em obras desta natureza, como é a Sociedade de Educação e Recreio de Vila Verde.

Avante, pois, pelo progresso do concelho de Vila Verde.

Reunião da Comissão Central para angareamento de fundos para a nova sede da Sociedade de Educação e Recreio de Vila Verde.

Comissão Central

Dr. António Ribeiro Guimarães, António Anselmo Soares, Mário Bacelar Alves, Manuel Torcato da Costa Pinheiro, Francisco Fernandes, José Peixoto, João António Vilela Fernandes, António Maria Guerreiro, António Julião da Silva, João Alves dos Santos, Arlindo Soares

Comissão de freguesias

Atiães:

João Baptista Ferreira Chaves, João Alves Marques, David da Silva Macedo;

Azões:

Manuel da Silva, António da Silva, Constantino da Rocha;

Cabanelas:

António Gomes da Silva, Leonardo D. Forte, Abílio de Castro, Manuel da Silva Pogeira;

Carreiras São Tiago:

Padre Armindo José Alves, Francisco Augusto Pereira de Sousa, José Maria de Macedo Soares;

Couciceiro:

Simplicio Antunes, António da Silva, Porfírio José da Mota, João Severino de Sousa;

infantil e todos os presentes se mostrassem solidários com o povo sacrificado daquela Nação.

No final foi distribuída uma lembrança alusiva a todas as crianças, em número de cerca de quatrocentas.

E por hoje basta, que o postal não leva mais.

Novembro de 1956

Bernardino Ribeiro

AGRADECIMENTO SINCERO

Agradecemos penhoradamente ao nosso novo correspondente Ex. mo Sr. João António Vilela Fernandes, não só a apreciada colaboração que está prestando no nosso Jornal, mas também o auxílio que nos dá com a indicação dos novos assinantes, que a seguir enumeramos:

Mário Bacelar Alves, gerente do Grémio da Lavoura de Vila Verde; Manuel Rodrigues da Silva, carcereiro de Vila Verde; Alfredo Soares de Oliveira, Pastelaria-Bar Vila Verde; João Alves dos Santos-Vila Verde; António da Mota Lago, cortador de carnes verdes—Vila Verde; e Francisco Gomes—construtor—Loureira—Vila Verde.

Dada a óptima maneira como está a colaborar, porque omerece, procuramos destacar nas nossas colunas o noticiário de Vila Verde.

Covas de Aboim:

António José Pereira, João Maria de Sousa, Francisco José Pereira, Francisco Lima;

Dossãos:

José Joaquim de Oliveira, Francisco António Pereira, Manuel Gonçalves da Mota, Bento José de Carvalho Pereira;

Duas Igrejas:

Hermínio José Martins da Costa, José Joaquim da Silva, Manuel da Silva;

Esqueiros:

José da Silva Felgueiras, José Gomes dos Santos, João Gomes Pinheiro;

Geme:

António Ribeiro Veloso, Manuel de Sousa, Francisco Fernandes;

Gomide:

João Batista Soares Nogueira, Francisco da Silva Gouveia, Acácio Nogueira de Araújo;

Gondiães:

Domingos José da Silva, Domingos José de Oliveira, José Joaquim de Oliveira;

Barbudo:

Constantino Soares de Faria, António Macedo Pinheiro, António Soares de Oliveira;

Lage:

José Alves, António Domingues Vaz, José Manuel Gonçalves de Castro, João de Barros;

Lanhas:

Francisco Joaquim Fernandes de Azevedo, Adelino António Martins

Loureira:

João da Mota, Manuel da Silva Valente, Francisco Gomes;

Moz:

Jose Mota Araújo, Armindo Manuel Cerqueira, Armando Peixoto Gomes;

Oriz Santa Marinha:

Abílio da Silva Pronto, Domingos Martins Torres

Oriz S. Miguel

António Luis Martins de Melo Machado, António da Silva;

Parada de Gafim:

Padre Humenegildo Araújo Esteves, Belarmino Caetano Martins de Araújo, Adriano Cunha;

Pico de Regalados:

Joaquim Gonçalves Lopes, José Gonçalves Lopes, António Barbosa Duarte (Pinheirinha), Júlio Augusto Cerqueira;

Pico São Cristóvão

Luis da Costa Araújo, Alvaro Vivas, António de Araújo;

Ponte São Vicente:

Manuel António Machado, Jose Maria Alves de Oliveira, Jose Alves Ferreira, Artur da Silva;

Prado São Miguel:

Porfírio Gomes da Rocha, João Carlos de Azevedo, Alvaro da Costa Barbosa, Manuel Sousa da Mota;

Sabariz:

João José Soares, José Martins Gama;

Sande:

Professor Manuel Pimenta, José Maria da Silva, António Maria da Silva, António Abel da Silva Freitas

Soutelo:

Padre Luis Soares Ribeiro, Amadeu de Araújo Valente, João Alves dos Santos;

Travassós:

Marcelino Alamiço Soares de Sousa Jose da Cruz Pereira, José Evaristo Marques Pinheiro;

Turis:

Arlindo Barbosa, Octávio Barbosa;

Valbom São Martinho:

António José Dias, João Batista de Sousa;

Valbom São Pedro:

Abel José de Oliveira Rodrigues, José Maria de Freitas;

Valões:

António Estremadouro, Manuel Leite Cerqueira, José Carneiro de Brito, João Carvalho de Brito;

Portela do Vade:

António Alves Peixoto, Armando Alves Peixoto.

TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

PÁGINA DE UM LIVRO DE MEMÓRIAS

Balada da Cinza e Sinfonia Azul e Verde

Para D. Manuela Couto Viana—inspirada Poetisa e emminente Artista
Por Manuel de Boaventura

—«Ó tristelinha terra da raia nordestina, acotinhada entre gibas tremedais e penhas alancaneiras! O' paisagem invariável, sem alma, descolorida e silenciosa, como mar-morto da Desolação! Pobrezinha de ti, triste de mim!...»

Era assim o solilóquio do desterrado, ao sentir a angústia dolorida da saudade, a pungente nostalgia do seu Minho tridente, exuberante e multicolor, que, olhos a dentro, sua alma sentimental contempla, imersa na tristeza acabrunhante, que a ausência provoca.

Dalí, da urbe cimeira, alcandorada no cêrro da bruta serra, lança entristecidos olhos a circunmirar os longes, oscuros e indefinidos, na inútil, mas ansiosa pesquisa de colorido, de invulgaridade, de vida... Mas nada lobrigam os olhos sedentos de beleza, que não seja o brumoso nebulento do «encoberto», para além de alterosas ondas imóveis, petrificadas de pavor, por se verem, a sós, na desolada e imensa solidão:—umas branquejar com cabelos de neve; outras escuretadas, com benedias na crista—como ilhas negras, a servirem de moradia à Desolação e ao Tédio...

E os olhos fecham-se para se libertarem da monotonia. Mas no coração do desterrado alapa-se o álgido nevoeiro, que se desprende da tristeza da paisagem, a esfriá-lo—como se frocos de neve pousassem, a estratificar na alma angustiada...

Triste Beira cinzenta, de montanhas e penhascos cinzentos, a esmagar moradias cinzentas; oliveiras cor de cinza, filhas de terra pedrês; relvados e arbustos cinérios, que a custo emergem do pedraído; acinzentados corpos e almas, que vivem na agrura do deserto; céus esmaecidos, toldados de escarventas nuvens, a espelharem-se nas brusas águas ribeirinhas...

Pobrezinha de ti! Triste de mim!...

Na bruma morrinhenta, na amorfia opacidade ambiente, erra uma poalha de cinza, lentamente a molinhar ao redor das almas, e a envolver o pensamento na indefinida tristezza que gera nirvânicos desejos de Fim...

E a própria Arte, patinada de velhês, sem deixar de ser bela,

se afigura sombria, grisenta, e fria na desolada paisagem, que é sempre neve da Estrela e olivedos mondeguiños em fundo-monótono claro-escuro, que geresce melancolia e inspira a litania deliquescente do «Memento»!...

Céu e terra, coisas e almas —tudo, para o desterrado, é cinzento, neste nordeste frágil e unicolor, onde o vento, em notas graves de antifonário, assobia a tristelinha balada, dum Quarta-feira da Cinzas, que nunca acaba...

Como o querido Minho é diferente!

A esta hora, lá, estadeia-se, a lastra de mar-a-monte, a sinfonia Azul-e-Verde, da alegria perpétua e triunfal.

Seus olhos ávidos em vão o perscutam: tudo bruma de sonho! Mas à tona da alma, a sedutora paisagem aflora e ganha relevo, desde as praias veludinosas de Suave-mar, com águas glaucas e buliçosas, espiritualizadas pelo iodo das ácreas mareas; até à luxurriante vegetação das agras; ao álar cre dos povoados; à gracilidade das mulheres, de olhos sonhadores, e de garridas indumentárias.

Na alma do desterrado, como num cosmorama, tudo isto perpassa como sonho deleitoso. Sonata Azul e Verde do Paraíso terrunhal—no Minho, tudo disfruta as prerrogativas das cores rainhas o céu é azul, e, da sua cor, tinge os olhos transparentes e cariciosos da raparigas; as águas do mar, e dos rios—ou são aniladas, porque o céu as tinge, ou tonalizadas do verde escorrido das veigas ubérrimas. Azuis são os pensamentos de amor; como o verde-esperança é a promessa gaudiosa dos namorados...

E o verde dos prados e das agras! E o verdellino do relvado montesino, estrelado de flores silvestres! E o verdorengo dos arvoredos, desde o negresco pinheiral das bouças, ao louro da pujante cabelçeira de Baco, que se emaranha pelas uveiras a destrinçar treitas, e a bordejar campos de esmeralda!...

Oh! encantamento do Azul-e-Verde! «Onde estão os pintores do meu país estranho, que vêem isto tudo e não vêm pintar?»

(Continua na 4.ª página)

O TOPÓNIMO "BOURO"

(Continuação da 1.ª página)

to de louvar, inculcando, no seu autor, apreciáveis qualidades de investigador meticoloso.

Nem sempre é fácil determinar com segurança, a origem e o étimo dos topónimos. Alguns há a que dão numerosas ascendências e variadas acepções—às vezes bem descontraçadas.

O Sr. Domingos Silva dá esta interpretação ao topónimo «Bouro»:—«Bouro, *Bovarium* dos Romanos, de *bos*—o boi».

O erudito Gomes Pereira, que foi professor liceal e grande latinista, autor de—*Toponímia dos Concelhos de Terras de Bouro, Póvoa de Varzim e Vila do Conde*, (1914),—declara não ter elementos para definir o vocabulo «Bouro». Era um probo investigador e não quis dar o seu parecer pessoal, nem aventar hipóteses, como poderia ter feito.

Não obstante, Gomes Pereira, definiu, e documentou

bem, inúmeros topónimos dos três concelhos. Era competentíssimo.

Há, em Portugal, sete povoados com o nome de Bouro,—um deles em Esposende, local de abundante nascente de água, que abastece a vila, e ponto de partida de importante couto mineiro—*Minas de Bouro, Lda*—de onde têm saído milhares de contos de volfrâmio e estanho.

O sítio de Bouro é no sopé do Monte do Faro, e as terras que o constituem pertenceram, outrora, nos primórdios da nacionalidade, aos Frades de Bouro: daí a razão do topónimo esposendense.

Além dos sete povoados portugueses, com a designação de Bouro, há, na vizinha Galiza, três com este nome, segundo Sachs—sábio alemão. (1)

Na opinião de Xavier Fernandes, in—*Topónimos e Genéricos*—Bouro, ou Boiro, deriva de *buuro* e este de *burio*

FOLHA CAÍDA

Onde vais folha caída,
Pobre folha enlanguescida
Que destino é agora o teu,
Deixando a haste segura
Por uma vã aventura
Que de longe te sorriu?

—Sei lá bem; era ditosa
Quando, no alto, orgulhosa
Duma carvalha vivia;
Quando a brisa do oriente
Me afagava docemente
Nos beijos que me trazia!

Nas longas tardes de verão,
Quando não há viração
Nem finas gotas d'orvalho,
Quase sempre um rouxinol,
Para se abrigar do sol
Vinha pedir-me agasalho.

Que lindas canções trinava
Quando feliz repousava
À minha sombra leal!
Que ventura então sentia
Quando a sua voz ouvia,
Em risadas de cristal!

Ao primeiro alvor do dia
Uma alegre cotovia
Também vinha ali cantar;
Mas quando a via partir,
Que vontade eu tinha de ir
Com ela, assim a voar!

Mas numa noite fatal,
Uma trovoadá infernal
De raios, vento e granizo,
Arrancou-me—sina minha—
Da haste que me sustinha
No arbóreo paraíso!

Hoje no chão arrastada
Ou no ar alcandorada
Sem rumo nem aconchego,
Ando dum p'ra outro lado
Sem ao menos me ser dado
Um momento de sossêgo!

É assim a minha vida,
Triste folha descaída
Que destino desprezou:
Não parar um só momento,
À mercê sempre do vento
Sei lá bem p'ra onde vou!...

UERBA

como Douro, proveio de *Duriu—Dorius—Doiro*, por fenómeno da evolução do latim para português. O radical *dur* ou *dur*, designa «água que corre rapidamente». É o caso do Rio Douro».

Ouçamos agora o notável Joseph Tiel: «Há muita probabilidade de que Bouro, venha do gótico, ou suevo—*Bur*—«casa»...» «A forma portuguesa com—ou—deriva dum arcaico *Burio, Bório*, a que faz referência o *Onomástico Medieval*, que passou para Buro—Boiro, Bouro:»

Burio, Bório significa «*abegoaria, casa de lavoura*» ou simplesmente *casa*, ou *casal*—dado que, o radical *bur*, lhe tenha dado origem.

Há ainda a considerar o *Buris* latino—«rabiça de arado.»

Isto não quer dizer que a etimologia proposta pelo Sr. Domingos Silva, não tenha cabimento.

O *bos—bovis—boarium*—é também de considerar.

Que o ilustre investigador nos desculpe a intromissão.

Manuel de Boaventura

Nota:

(1) As localidades portuguesas, onde aparece o topónimo Bouro, são, além de duas em Amares: uma no Concelho de Vila Verde, outras na Póvoa de Lanhoso, Guimarães, Castelo de Paiva e Alenquer.

É possível que todas estas designações tenham a mesma razão de ser da de Esposende: terras foreiras a Bouro.

M. de B.

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

e o centeio, com absoluta ausência do milho, de que não se encontra o mais ligeiro sintoma ou referência, quando afinal aqui é o forte de pão de nossos dias.

A dos líquidos era a *lagaradega*, com respeito ao vinho e ao azeite, cada qual o mais raro relativamente a essa época, embora se lhes descubram alguns vestígios.

Sabe-se que os primitivos lagares eram de madeira, e ainda no século XV eram muito raros os feitos de pedra.

Eram vários os títulos de enfiteuse, por que os senhores directos auferiam tais direitos.

A *fossadeira* consistia no tributo a que eram obrigados os *cavaleiros vilãos* que não acompanhavam o rei ou o rico-homem em expedições militares. Vem de fôss, valos, cavas e outras obras de fortificação que se faziam à volta das praças, castelos, vilas, cidades, arraiais e outras fortalezas, para resguardá-las.

Pagavam uns tantos quarteiros ou quarteirões (do moio) de castanhas, umas vezes secas outras assadas; cestos de landes e também de castanhas, e diga-se de passagem, é do que ao tempo se demonstra maior fartura, com que o senhor da terra cevasse uns porcos que valessem uns certos maravedis, ou então a própria obrigação de engordá-los; muitas galinhas, frangãos e dezenas e até centenas de ovos (não se contavam por dúzias); uns tantos alqueires de sal; manteiga, mel, queijo e vinagre; umas tantas ou quantas libras de cera; feixes ou mosteas de palha; muitas cabeças de alhos e de cebolas; uns tantos côvados de braçal; em maravedis, se fosse a dinheiro.

É opinião de muitos economistas que o *braçal* foi tomado por estas terras, como base ou padrão de determinado valor em dinheiro para certas transações.

Por *fogaça*, recebiam os directos senhores umas taleigas de trigo, de centeio, ou alqueires de cevada; cabritos, leitões ou capões pelo S. João; *reamas* (fiambre, presunto) e *carnes* (toucinho) que valessem uns tantos soldos ou moios.

O almude e o alqueire, que de principio indistintamente serviram, tanto para secos como para líquidos, já então variavam de terra para terra, o que se encontra expresso por "medida velha", "medida de Braga" e "medida corredia" ou corrente.

Viterbo informa que estas pensões e ofertas passaram do foro civil ao eclesiástico e religioso, chegando, há alguns séculos, a cobrir os altares de grande quantidade de comestíveis, o que até certo ponto ainda hoje se verifica em dádivas às igrejas, sendo depois leiloados nos adros entre os fregueses. Diz mais, a respeito da fogaça, que já no Velho Testamento se lhe encontra referência nos bolos delgados, cozidos debaixo da cinza ou rescaldo, porque se chamavam *subcinerícios*.

A fogaça seria, pois, o bolo da braza e da lousa dos tempos recentes; agora é a regueifa de trigo e de pão de ló, muito empregada para presentear ou obsequiar.

Tudo tem a sua história.

De *censura*, isto é, pela aquisição de propriedades da igreja, pagavam-se-lhe uns tantos almudes, cabaças ou taleigas de vinho, se houvesse vinhas; e esta preferência pelo vinho seria por efeitos e necessidade do culto.

A *taleiga* ou *teiga* era uma medida para secos e líquidos, que variava extraordinariamente de terra para terra. Sendo o mesmo que o fole, feito principalmente das peles de animais caprídeos, ora se empregava no transporte de cereais e farinha, ora de vinho e azeite, sobretudo em animais de carga. Os povos dos montes ainda recentemente lhes davam este emprego, chamamando-lhes *odres*.

Havia o foro de caça ou *venado*, mais frequente, como é natural, entre os povos serranos; e pagavam de veado ou cabra, o *corazil*, parte da peça que ia da pá até à cabeça, abrangendo duas costas ou costelas; se matassem porco montês, uma espádua; se fosse corso, uma perna; de urso, a mão.

A corresponder-lhe, sobre as terras marginais, a *entroviscada* foi um dos direitos dominicais a que fazem tão larga referência as crónicas do tempo. Consistia em serem os respectivos povos obrigados a concorrerem a este, hoje reprovado, processo de pescar, preparando uns o trovisco, fornecendo outros os comestíveis necessários para a merenda do senhorio, como fôsem galinhas, ovos, azeite, vinho, vinagre.

Condenado o sistema, ficou por muito tempo comutado este foro em galinhas e outros géneros.

Eram ainda os devidos por *lutuosa*; e vinham a ser os que recebiam os donatários por morte dos seus rendeiros e os prelados pela vagatura de uma igreja que deles dependesse.

(Continua no próximo número)

CALENDÁRIO

24—SÁBADO: S. João da Cruz e S. Flora.

25—DOMINGO: S. Catarina e S. Moisés.

26—SEGUNDA: S. Silvestre (abade). Ss. Pedro de Alexandria e Genoveva.

27—TERÇA: Santiago Interciso. Ss. Primitivo e Margarida de Saboia.

28—QUARTA: Ss. Hilário e Sostenes.

29—QUINTA: Bb. Dionísio da Natividade e Redento da Cruz.

30—SEXTA: Santo André (apóst.) S. Constança.

No seio do F. C. do Porto

(Continuação da 1.ª página)

prevíamos. A reacção foi-se acentuando e terminou por ser eleita uma lista que compreendia não só aqueles nomes, como, aliás, muitos outros que só a cegueira de facção podia arredar.

É ainda muito cedo, e talvez o será sempre, para reduzir ao esquecimento o nome dos homens que à custa do seu prestígio e de um trabalho profundo e sério, ergueram esse monumento grandioso que é o Estádio das Antas.

Bem sabemos que já antes se tinham feito esforços, mas o certo, muito certo e muito sabido, é que esses esforços se perderam no principio precisamente porque aos seus obreiros faltava o nome feito que os nossos lembrados de hoje tinham e têm.

De resto, um Conselho Geral, mormente de um clube da grandeza e projecção do F. C. do Porto, não pode deixar de compreender dentro de si o nome das pessoas que merecem a certeza de que estarão sempre acima das pequenas quezílias que tanto perturbam as nossas multidões.

O Conselho Geral não pode estar à mercê de um campeonato ou de outro acto de índole passageira. Tem de assegurar continuidade e dignidade de tal forma que não se repitam decisões como a que pôs termo ao conflito F. C. do Porto—Federação, ou, mais recentemente, Direcção—Iustrich.

Num e noutro caso houve a preocupação de continuar nos lugares directivos, mesmo por cima do prestígio da colectividade, e isso, agrade embora à vaidade dos homens, não serve, nem pode tolerar-se, em prejuízo do nome do organismo.

Por isso, queríamos aqueles homens; por isso, eles foram eleitos.

Album de coisas várias

Há tempos, uma pessoa amiga, passando por mim na rua, chamou-me e, inesperadamente, perguntou-me:—Por que é que há tanta maldade em certos homens? (Ele encostou-se na superfície duma parede, e eu fez o mesmo). Eu sorri-me, e creio que fiquei em silêncio durante muito tempo até lhe responder ou, melhor, não fui capaz de responder!

Entre mim e essa pessoa amiga travou-se uma serena discussão que se estendeu até às origens da humanidade, e nem eu nem ele fomos suficientemente claros na argumentação ou na análise dos factos que procurámos dissecar na esperança de fazermos valer, um, a sua pergunta, outro, uma possível resposta que satisfizesse um espírito de certo modo atormentado por qualquer dúvida.

Por que é que há tanta maldade em certos homens?

Ora, se eu fosse capaz de dizer da razão pura e simples da maldade, abriria uma casa comercial onde se venderia remédio para toda a maldade! E mandava para todos os jornais muitos anúncios, com os quais muitos angariadores cobriam chorudas comissões!

Ele pode não haver rapazes maus, mas a verdade é que há muita gente má, gente que se industrializa na maldade. Em certos homens, fazer mal é como que um vício, uma coisa que, não fazendo, lhes torna incompleta a existência. O cão morde quando lhe apertam o rabo, o gatinho faz meiguices com as unhas na pele duma pessoa quando verifica que as mímicas com que o julgam consolar não passam, nos limites da sua sensibilidade animal, de gozo ou chatisse. Ninguém gosta de ser gozado ou chatiado! A maldade no homem não tem o instinto de represália do cão nem a atitude de *deixem-me em paz* do gatinho. A malda-

de no homem é uma ferida na alma do género humano. É uma anormalidade, como anormalidade é o crime ou a loucura. A Bondade não impõe a maldade. Eu estou em dizer que é a maldade que impõe a bondade.

Têm que se aguentar os bons, pois que os maus jamais deixarão de os apoquentar.

Como aquela pessoa amiga eu tenho, muitas vezes, perguntado a mim próprio porque motivo se faz e pratica tanta maldade por este mundo de Cristo. Sim, porque para mim o problema não é a maldade mas a sua dirivante: *porque se pratica a maldade*. Sei de muito homem que vive, apenas, fazendo mal. E fazem-no como quem se banqueteia, com o mesmo espírito de requinte que se costuma fazer alarde no simples e humano movimento de colher no prato, colher na boca...

Esses homens são uns artistas de alto coturno! Amam, dedicam-se, exploram, vivem seduzidos de maldade, duma maldade diabólica, corrosiva, epidémica. E quem os vê! Escutam-se, fala-se com eles, enfim, fazem-se julgar uns anjos. E mais não são que tumores, feridas, sarjetas de maldade. São o diabo! Eu conheço muitos homens desse calibre. Sim, conhece-os. Metem-me dó, fazem-me pena.

Tenhamos dó e pena dos traficantes da maldade. Daqueles traficantes que gozam e se contorcem todos perante os bens sucedidos *golpes* que conseguem lançar sobre a sua vítima.

Não receio a maldade. Receio os seus agentes, isto é, os vaidosos, os nulos, ou despeitados, os ingratos, os que têm tempo para falar com o Diabo!

J. M. (J.)

Postais de Paradela do Rio

De conformidade com o noticiário da Rádio e da Imprensa Diária, teve lugar nos dias 19 e 20 do corrente, a visita do Snr. General Craveiro Lopes, Presidente da República, aos Estaleiros da Hidro Eléctrica, do Cávado. O ilustre Magistrado da Nação, sempre aclamado pelas populações, visitou a Barragem de Cançada e seguiu para a Central de Vila-Nova, onde pernitoitou.

Inaugurou o "Fio de Água" do 4.º Escalão de Paradela, dedicando o maior interesse pelos trabalhos em curso, mormente da monumental Barragem. A visita de Sua Excelência constituiu um inotivo de regosijo e fez de estas paragens serranas um canti-

nho mais português.

O Snr. Presidente da República, com a sua comitiva, Madame Craveiro Lopes, Ministro das Obras Públicas e da Economia, e inúmeras entidades civis e militares, visitou depois o local do futuro Escalão de Pisões e, via Valpaços, seguiu para a Barragem de Picote (Douro).

À hora a que escrevemos está a nevar, pois desde o dia 18 do corrente que estamos rodeados por mantas de neve. Claro, todos nós contamos com a visita desta embirrenta «comadre», «so-grá»... ou lá o que lhe queir

(Continua na 4.ª página)